

Revista Plan

EDIÇÃO #6
DEZEMBRO DE 2010

comunidade

Troca de saberes para
uma infância melhor

mulheres

Projeto fortalece
autoestima feminina

Navegar é seguro

Juventude e tecnologias andam de mãos dadas.
A chave é equilibrar a cautela no uso dessas inovações
com o desejo de se conectar ao mundo

EDITORA
MOL



www.plan.org.br



Plan Brasil

Diretor Nacional: *Moacyr Bittencourt*
Gerente de Programas: *Gualberto Aldana*
Gerente de Finanças (interino): *Oben Oliva*
Gerente de Recursos Humanos: *Suzy Veruschka*
Gerente de Construção de Relacionamentos e Mobilização de Recursos: *Alexandre Lima*
Coordenadora de Comunicações e Relações Públicas: *Selma Rosa*

Escritório Nacional

Avenida Colares Moreira, 2, sala 1102-A,
cobertura do edifício Planta Tower,
Renascença, São Luís/MA, CEP 65075-441
Tels.: 98 3235-6576 / 3235-6580 / 3235-6840

www.plan.org.br

EDITORA MOL

Diretor Executivo: *Rodrigo Pipponzi*
Diretora Editorial: *Roberta Faria*
Diretora de Arte: *Claudia Inoue*

Revista Plan

Coordenação: *Amanda Rahra e Selma Rosa*
Atendimento editorial: *Amanda Rahra*
Edição e reportagem: *Mauricio Monteiro Filho*
Revisão de texto: *Eduardo Toaldo*
Edição de Arte: *Larissa Ribeiro*
Design e ilustração: *Juliana Mota*
Produção: *Michele Toméo*
Fotos: *Márcio Vasconcelos*,
Christian Knepper e *Léo Caldas*
Foto de capa: *Márcio Vasconcelos*
Tratamento de imagens: *Felipe Gressler*
Impressão: *Type Brasil*
Papel: *Reciclato 150 gr. (capa)*
e Reciclato 120 gr. (miolo)
Tiragem: *3 mil cópias*



Antenados e protegidos

Dados recentes da Agência Nacional de Telecomunicações indicam existir no Brasil mais telefones celulares habilitados do que a população do país. São mais de 194 milhões de aparelhos móveis em um país com cerca de 192 milhões de habitantes – estimativa do IBGE para 2010. Da mesma forma, o acesso à internet, seja por equipamentos próprios, seja por lan houses, se populariza e permite que cada vez mais pessoas utilizem computadores para comunicações pessoais. Um grande avanço na conexão privada.

Nesse cenário, grande parte dos usuários são crianças e adolescentes, que se comunicam por meio de redes sociais ou acessam conteúdos dos mais diversos para fins educacionais e de diversão. Não cabe dúvida quanto ao avanço que essa realidade representa do ponto de vista de capacidade de comunicação. As tecnologias de informação e comunicações

brindam as crianças com a possibilidade de explorar o mundo real pelo virtual e, assim, manterem-se atualizadas sobre o que acontece no país, no mundo e em suas redes pessoais.

A popularização do acesso às novas tecnologias também revela crescentes números de eventos relacionados a bullying, fraudes e crimes virtuais, entre os quais a pedofilia. A grande questão que se apresenta é como manter as crianças seguras nesse ambiente de livre comunicação democrática, sem que sejam alvo de exploração ou sejam ludibriadas por pessoas com interesses escusos. A Plan busca contribuir para o debate da questão com projetos que garantam às crianças o conhecimento dos riscos do uso das tecnologias. E como as mesmas podem identificar perigos e evitá-los, disseminando as melhores práticas de proteção entre seus contatos de rede.

Moacyr Bittencourt

*Diretor Nacional
da Plan Brasil*

Quem somos

A Plan nasceu em 1937 para dar suporte a crianças afetadas pela Guerra Civil Espanhola. Hoje é uma das maiores ONGs internacionais de desenvolvimento, trabalhando com 1,5 milhão de crianças. Está presente em 66 países.

Como trabalhamos

A Plan aposta no desenvolvimento autônomo das comunidades em que atua. O enfoque principal é nos direitos das crianças e dos adolescentes, considerados protagonistas desse processo.

Visão

A visão da Plan é a de um mundo onde todas as crianças realizem seu pleno potencial, em sociedades que respeitem os direitos e a dignidade das pessoas.

Missão

A Plan trabalha para conseguir melhorias duradouras na qualidade de vida das crianças menos favorecidas de países em via de desenvolvimento. Para isso, baseia-se em processos que unam pessoas de diversas culturas e acrescentem significado e valor a suas vidas.

A Plan no Brasil

No Brasil desde 1997, a Plan está presente no Maranhão – nas regiões de São Luís e Codó – e em Pernambuco – em Cabo de Santo Agostinho e Jaboatão dos Guararapes. Os projetos da organização atendem mais de 75 mil crianças.

Mobilização de recursos

Sua participação é fundamental para manter nosso trabalho. Você pode contribuir de várias formas: doando, prestando serviços ou divulgando nossos projetos. Entre em contato!

Vitórias contra o bullying

O dia 17 de novembro de 2010 vai entrar para a história da Plan Brasil. Nessa data, foi sancionada pela governadora do Maranhão, Roseana Sarney, a Lei Estadual 9.297, conhecida como lei antibullying, que tem como foco coibir a violência no ambiente escolar.

A Plan tem muito a comemorar por esse feito. Segundo o diretor nacional da instituição, Moacyr Bittencourt, esse é um fruto da campanha Aprender Sem Medo. “Esse é um resultado de nosso trabalho de *advocacy*. Contribuímos influenciando as políticas públicas no estado”, avalia Bittencourt.

E essa é apenas uma das conquistas da Plan nessa linha de ação. Como membro do GT Estadual de Combate ao Bullying, de que são parceiros secretarias municipais e de estado, o Ministério Público do Maranhão, a Câmara de Vereadores de São Luís, além de escolas públicas, a entidade promove eventos de conscientização e trabalha na articulação da sociedade civil e do poder público para o combate à violência nas escolas. Outro motivo de celebração, resultado dessa atuação, foi a aprovação da lei municipal de combate ao bullying de Codó, na região dos cocais maranhenses. E medida semelhante vem sendo tema de audiências públicas na vizinha Timbiras.

Visitante ilustre

Em novembro, o diretor da Plan para América Latina e Caribe, Roland Aderer, veio ao Brasil para supervisionar as atividades. Sua agenda consistiu em idas a campo para acompanhar a atuação da Unidade de Programas São Luís e contatos de cúpula com a deputada estadual Eliziane Gama, liderança da Coalizão contra a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. Além disso, Roland visitou potenciais parceiros da Plan em São Paulo e Rio de Janeiro.

Mas o ponto alto do roteiro foi sua presença na festa do Dia das Crianças na Vila Roseana Sarney, zona rural de São José de Ribamar, no Maranhão. Lá, ele assistiu à diversão de adultos e crianças com brincadeiras, rodas de leitura e capoeira.





Conexão PROTEGIDA

Pesquisa da Plan mostra que meninas têm cada vez mais acesso a tecnologias de informação e comunicação. Projeto desperta garotas para o uso seguro desses recursos

Por causa do projeto Tecnologias de Informação e Comunicação: Combatendo a Violência Sexual de Crianças e Adolescentes (TICs), da Plan, o interior do Maranhão se encontrou com Hollywood. O filme *Avatar* conquistou centenas de espectadores em plena Codó, cidade da região dos cocais. A trama, que fala de respeito a tradições, mas é recheada de inovações tecnológicas, foi assistida com atenção redobrada. Isso porque, para os presentes, a novidade da tecnologia era a própria projeção: a cidade não conta com nenhum cinema.

Mais inovador ainda é que o evento foi fruto da iniciativa de jovens participantes do projeto. Além de proporcionar um raro momento de lazer aos moradores da cidade, o objetivo dos adolescentes com o cinema de rua, que contou com parceiros locais para fornecimento do equipamento de som e vídeo, era muito sério. Eles queriam aproveitar justamente a face tecnológica do filme para discutir com a comunidade sobre formas mais seguras de utilizar esses recursos.

Em síntese, esse é o objetivo maior do TICs: proporcionar conteúdos que habi-

Depois de criarem um plano para uso seguro das TICs, jovens apresentam suas propostas a gestores





Iara, de 12 anos, gosta de estar antenada em tudo que é moderno, mas já sabe que seus dados pessoais podem estar em risco quando usa computadores públicos



litem os jovens a eliminar riscos na hora de acessar a internet ou de usar o celular. E em tempos de Orkut, Facebook, MSN, SMS e Twitter, nomes que um número crescente de adolescentes de todos os cantos do mundo conhecem, os perigos da superexposição são muitos.

Num primeiro momento, os grupos de adolescentes discutiram planos de ação para reduzir os riscos no uso das tecnologias, adaptando-se às peculiaridades locais. A projeção em Codó foi uma das propostas desses planos elaborados pelos participantes do TICs, que terá pelo me-

nos três anos de duração e atingirá 20 comunidades entre as cidades de São Luís, São José de Ribamar, Codó, Timbiras e Peritoró, todas no Maranhão. Com isso, a Plan alcançará cerca de 6 mil jovens.

Enquanto em Codó os participantes do projeto encontraram no cinema uma forma de sensibilizar para o tema, em São Luís, a mobilização foi feita por meio de oficinas de grafite, rap e danças de rua. Já na cidade de Timbiras, foi usando peças de teatro que os jovens passaram sua mensagem. “Primeiro, fizemos círculos dos direitos, com o tema da navegação segura.

Agora, estamos apresentando os planos para governos locais, empresas parceiras e para a comunidade”, conta Bianca Marques, assistente técnica do projeto.

Nessa fase do TICs, a ação ganhou um bom reforço para o desenho de suas atividades. A Plan encomendou ao Instituto Internacional para os Direitos e Desenvolvimento das Crianças (IICRD) uma pesquisa original no Brasil, por meio da Parceria para Proteção da Criança (CPP), que trabalhou com diversas instituições para elaborar um diagnóstico, com enfoque específico nas meninas, do uso das TICs.



Ane Thaynara, de 17 anos, aprendeu com as oficinas do projeto TICs a não revelar informações pessoais para desconhecidos em salas de bate-papo e redes sociais

Por meio de grupos focais com garotos e garotas e uma pesquisa online, a Plan pôde traçar um panorama da situação das práticas de proteção no Brasil voltadas às meninas e do uso que fazem das TICs (*confira os números em destaque*). Tudo isso com a assessoria de um grupo conselheiro de garotas adolescentes.

O documento, que faz parte da publicação internacional da Plan *Fronteiras Digitais e Urbanas: Meninas em um Ambiente em Transformação (Digital and Urban Frontiers: Girls in a Changing Landscape)*, foi lançado em setembro de 2010 em São

Paulo. O trabalho traz um retrato atual de como as TICs têm impactado a vida de meninas em todo o mundo, bem como os riscos a que elas se expõem com a exploração dessas inovações tecnológicas.

Esses perigos faziam parte da vida de Ane Thaynara até o momento em que ela passou a frequentar o projeto da Plan. Com 17 anos, a moradora do bairro de Cidade Olímpica, na periferia de São Luís, diz que, antes, se expunha bem mais. “Eu não tinha experiência nenhuma. Dizia onde morava em salas de bate-papo. Mas agora mudou. Procuro saber com quem estou

me relacionando pela internet. Quando percebo algo estranho, pergunto a amigos mais velhos, para que eles observem a conversa”, narra ela, que cursa o primeiro ano do ensino médio. “Bloqueio quem vem com conversinha saliente, querendo se encontrar comigo”, complementa.

Atitudes simples como essas podem garantir uma navegação segura, debelando a ameaça mais grave quando se trata de TICs, que é o abuso sexual dessas adolescentes. Pelo fato de serem um grupo especialmente vulnerável a esse risco em particular, as garotas mereceram uma

Entre 2005 e 2008, cresceu de **33,7%** para **62,9%** o uso de TICs entre jovens de **15 a 17** anos

As meninas que tinham acesso a um computador geralmente passavam de uma a **sete horas** online por dia

85% das meninas nessa pesquisa possuíam telefone celular

} **8** entre **10** das participantes usavam a **internet**

O acesso à internet aumentou de **20,1%** para **33,9%** entre as mulheres, nos últimos três anos

Pouco mais de **um quarto** delas declarou que estava **“sempre online”**

atenção redobrada da Plan na elaboração da pesquisa. “A Plan quer entender como está se dando o desenvolvimento das meninas e se há diferenças em relação aos meninos”, explica Bianka.

Em paralelo, a Plan está realizando um mapeamento das lan houses nos locais onde o projeto TICs atua. O levantamento, feito em parceria com o Instituto Brasileiro de Informação sobre Ciência e Tecnologia (IBICT), vai permitir à organização desenvolver outra importante dimensão do projeto: a capacitação dos proprietários desses estabelecimentos sobre os riscos do uso das TICs pelos jovens. Isso porque, por diagnósticos preliminares, já é possível perceber que a grande maioria deles utiliza justamente esses pontos para acessar a internet e jogar videogames. “Nesses locais, há menor preocupação com a segurança das crianças, já que visam ao lucro. Não queremos saber apenas a quanti-

dade de lan houses, mas sim qual o envolvimento dos jovens com elas, quantos frequentam esses lugares, se vão com os pais e o que jogam”, esclarece Bianka. Além disso, a Plan quer conhecer as ferramentas que as lan houses têm pra proteger essas crianças, como câmeras e bloqueio de acesso a sites impróprios.

Em Codó, Iara dos Santos Lima, de 12 anos, participante do TICs, vai ajudar a realizar esse mapeamento em Santo Antônio, comunidade onde vive. Ela é uma usuária do serviço e acha importante saber quem são os donos das lan houses. Por isso, só utiliza computadores em locais conhecidos. Mais um dos aprendizados que vieram do projeto. “Não podemos esquecer que os computadores armazenam nossos dados. Antes, eu navegava à vontade, sem pensar nas consequências. Mas aprendi a me cuidar. Foi um saber muito importante que passaram pra gente”, diz Iara. ●





COMUNIDADE

Mães de carteirinha

Projeto Infância Saudável da Plan oferece conhecimentos para mães, cuidadoras, avós e todas as interessadas em cercar da maior atenção as suas crianças de 0 a 6 anos

Marineide Silva Castro, conhecida como Dona Nega, é praticamente uma mãe profissional. Ela é presidente do Clube de Mães de sua comunidade – Arraial, na periferia de São Luís, capital maranhense – desde que ele foi fundado, há quatro anos. “Os pais vão para a roça. Então, a gente traz cursos para ocupar as mães”, conta ela.

Dona Nega teve oito filhos e já conta cinco netos. Ariel, um deles, um menino de 3 anos, não desgruda da avó nem para que ela conte um pouco da história dessa verdadeira universidade de maternidade que foi sua vida. O apego vem de berço. “Eduquei meus filhos e eles são

muito bons pra mim. Acho que é porque criei eles bem”, explica ela.

Esse senso para o carinho de Dona Nega é inato. Mas o vasto saber que seus 53 anos lhe deram na lida com as crianças, especialmente as pequenas como Ariel, vem ganhando um reforço precioso. Isso porque, desde junho de 2010, a Plan levou a sua comunidade as atividades do projeto Infância Saudável.

Focada no desenvolvimento integral das crianças de 0 a 6 anos, aquelas que estão na chamada primeira infância, a iniciativa oferece noções de direitos e saúde, entre outros temas, voltadas para um melhor cuidado dessas crianças.





“Falamos de crianças, mas as experiências de infância dessas mães acabam retornando”

O público-alvo são as mães, cuidadoras, avós e outros interessados de quatro comunidades de São Luís e arredores.

A preocupação com essa faixa etária, especificamente no Maranhão, faz todo sentido. O estado ostenta nada menos que o segundo pior índice de mortalidade infantil de todo o Brasil. Isso significa 39,2 mortes para cada mil crianças nascidas vivas. E a realidade para as 907 mil que sobrevivem em todo o Maranhão não é muito alentadora. Menos de 50% delas estão matriculadas numa creche ou pré-escola. Muitos dos 217 municípios maranhenses nem sequer contam com estrutura educacional para atender suas crianças de 0 a 3 anos, de acordo com a Assessora de Primeira Infância e Saúde da Plan Brasil, Isadora Garcia.

Diante desse panorama, a Plan identificou a oportunidade estratégica de atuar para melhorar esses números e transformar a realidade social do Maranhão. De acordo com Ana Carolina Fernandes, consultora da entidade no

projeto, o Infância Saudável tem dois objetivos principais. “Queremos fortalecer o vínculo da família com a criança e combater a mortalidade infantil”, explica.

Para atingir essa meta, as oficinas usam uma metodologia participativa e dialógica baseada nos temas de desenvolvimento infantil e cuidados na primeira infância, violência, gênero e participação infantil. As atividades buscam provocar a reflexão e o aprendizado das participantes.

Segundo Ana Carolina, um dos temas mais polêmicos é a questão das palmadas. Muitas das mães participantes têm dificuldades de aceitar a ideia de educar seus filhos sem usar castigos físicos porque elas próprias foram vítimas desse tipo de agressão. “A recepção é polêmica, mas trabalhamos com atividades e com uma pedagogia que problematiza a questão. Não condenamos nada, mas atuamos para que a pessoa reconheça que sua atitude não é recomendável”, conta Ana.

Para Dona Nega esse aprendizado é fundamental. “Vejo muitas mães que

deixam a desejar. Não têm cuidado com os filhos, dizem que não podem mais com eles. Elas tinham é que participar dessas oficinas”, aconselha.

Talvez seja esse mesmo o caminho da mudança. De acordo com Ana Carolina, as primeiras beneficiadas pelas ações da Plan são as próprias mães. “Cada indivíduo é um mundo diferente. Falamos da criança, mas as experiências que esses adultos tiveram quando foram crianças acabam retornando”, diz ela. E olhar para sua própria história com novos olhos pode ser a melhor forma de fortalecer os vínculos familiares e educar filhos saudáveis de corpo e mente.

E, se depender da Plan, esse esforço não vai se restringir à experiência do Infância Saudável. A entidade integra a Rede Nacional da Primeira Infância e agora buscará a articulação de um fórum como esse, mas em nível estadual.

A criação de uma rede maranhense começou nos bastidores da realização do Encontro Temático da Primeira Infância, que aconteceu nos dias 17 e 18 de novembro, em São Luís. E a primeira reunião do grupo foi em dezembro.

Se o sucesso da rede depender do resultado do Encontro Temático, o prognóstico é positivo. “Foram mais de 250 participantes”, comemora Isadora. “Houve presença de pessoas importantes do poder público, comprometendo-se com a construção e amadurecimento de políticas voltadas para a primeira infância”, completa. Políticas que ajudarão mães e avós dedicadas como Dona Nega a receber abraços ainda mais apertados de seus filhos e netos. ●



A riqueza no quintal

Famílias que participam do projeto de Mitigação de Danos da Plan no Maranhão melhoram economia doméstica aproveitando integralmente os alimentos

Bife de casca de banana, torta de soja e doce de casca de maracujá. Até pouco tempo atrás, Adriana Stefhanny Ferreira, de 14 anos, moradora da Vila Embratel, bairro da região metropolitana de São Luís, acharia que era brincadeira se lhe dissessem que dava para comer tudo isso. Mas hoje, depois de ter começado a frequentar a Oficina de Segurança Alimentar promovida pela Plan em sua comunidade, ela sabe que esses alimentos são coisa séria. “Eu jogava tudo isso fora. Tem muita gente sem ter o que comer e muita gente desperdiçando alimento. Nesse projeto, percebi que dá pra aproveitar esses restos”, conta Adriana.

As oficinas fazem parte do projeto de Mitigação de Danos e Promoção de Re-

siliências, que orienta dez comunidades sobre como prevenir os danos causados pelas chuvas e como reagir caso venham a acontecer situações de emergência, como enchentes. “Oferecemos às pessoas que sofreram essa situação de calamidade um kit de reparação de danos, para repor o mínimo do que perderam. Nessa perspectiva, por que não ensinar como otimizar o alimento, mesmo reduzido, a que elas têm acesso?”, justifica Suelma Lopes, Assistente Técnica de Programas da Plan.

Para atingir esse objetivo, as oficinas ensinam os participantes a aproveitar tudo que frutas, legumes e verduras têm a oferecer. Folhas, talos e cascas, que antes iam direto para o lixo, viram bolinhos, farofa e guisado. “Nunca ima-

ginei que podia cozinhar esse tipo de coisa. É tão fácil, mas é uma surpresa”, diz Anailza Santos Almeida, mais conhecida como Ana, moradora do Residencial José Reinaldo Tavares, bairro da periferia da capital maranhense.

Participante das oficinas desde o início, ela foi uma das que descobriram que sua maior riqueza estava logo ali, no quintal de sua casa. Se o projeto faz a cabeça de adolescentes como Stefhanny, para mães como Ana é um prato cheio. Com filhos para criar e marido para alimentar, ela valoriza o impacto positivo que esses conhecimentos trouxeram não só para a mesa, mas também para o bolso. “A diferença foi grande. O salário agora rende mais, com certeza”, garante ela. ●

MULHERES

Mulheres de respeito

Por meio de oficinas temáticas, a Plan fortalece o orgulho e a autoestima de mulheres do Cabo de Santo Agostinho e Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco

De que uma mulher precisa para ser feliz? Maria da Conceição Cavalcanti tem a resposta para essa pergunta na ponta da língua: “Ela precisa amar a si própria e conhecer seus direitos”. Foi em busca de valores como esses que ela começou a participar do projeto Um Exercício para a Cidadania das Mulheres do Cabo e Jaboatão.

Voltada para mulheres que participam de programas de transferência de renda do governo federal, a ação tem como meta o fortalecimento político, social e econômico das participantes, moradoras de oito comunidades de duas cidades pernambucanas – quatro em Cabo de Santo Agostinho e quatro em Jaboatão dos Guararapes. “Queremos trabalhar a autoestima dessas mulheres e reforçar os vínculos comunitários e familiares”, explica Marta Machado, coordenadora do projeto.

Essa iniciativa é fundamental, porque, na realidade, a ideia é garantir lares estruturados para o desenvolvimento dos filhos das participantes. “Focamos muito o fortalecimento dessas mulheres, mas sem esquecer que queremos beneficiar suas crianças”, complementa Marta.

A formação desse público em assuntos como gênero e raça, direitos humanos, violência doméstica e sexista, entre outros, que serão tema de oficinas, é um grande passo nesse sentido.

A grande incentivadora do projeto foi Marlis Schmeing, enfermeira alemã radicada no Brasil desde 1986, que trabalha no Centro das Mulheres do Cabo, entidade que hoje atua como parceira da



Dona Neia, ou Conceição, encontrou nas atividades do projeto as informações a que gostaria de ter tido acesso quando ela própria era vítima de violência doméstica

Plan na execução da iniciativa. Com duração de 30 meses, que se encerrarão em setembro de 2012, o projeto mobilizará diretamente cerca de 160 mulheres. Com a replicação dos conteúdos, o público total atingido deve girar em torno de 8 mil pessoas. “Percebemos que elas passam por muita violência psicológica e sofrem com a opressão. Mulheres fortalecidas oferecem melhores condições para os filhos”, diagnostica Marlis.

Essa é a história da vida de Conceição, cujo apelido é Neia. Ela sofreu agressões domésticas por 15 anos antes de se separar. E garante que, se tivesse tido acesso aos conteúdos passados pela Plan antes, teria abreviado esse calvário. “Tudo seria diferente. Não teria passado pelo processo que passei. Mulher tem que ter atitude. Estamos vivendo novos tempos. Temos que conhecer nossos direitos, se não ficaremos para sempre aprisionadas.” ●



Segurança no Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs

Cerca de 80% das adolescentes não se sentem seguras online

Ajude-nos a combater as várias formas de abuso e exploração sexual contra as crianças e adolescentes facilitados pelas Tecnologias de Informação e Comunicação.

Vamos fortalecer as redes de proteção, atendimento e orientar para o respeito às normas de conduta que favoreçam a navegação segura por parte das crianças e adolescentes.

Participe. Divulgue essa ideia. www.plan.org.br

